

AS PAIXÕES E A ORIGEM DA IDEIA DE DIVINDADE NO *SYSTÈME DE LA NATURE* DE HOLBACH

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bolsista PNPd/UFES/CAPES e Docente Colaborador do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe – DFL/PPGF/UFES.
marceloprime_sp@hotmail.com

RESUMO

Ao apontar as paixões humanas como as responsáveis pelo surgimento da ideia de uma divindade, Holbach atribui-lhes um caráter negativo. Segundo o Barão, no primeiro capítulo da segunda parte do seu *Système de la nature*, se os homens remontassem à origem das opiniões mais arraigadas em suas mentes e se examinassem os motivos que os levam a venerá-las, descobririam que por vezes os objetos ou ideias que os afetam não possuem realidade alguma. Palavras vazias, fantasmagorias oriundas da superstição e inflamadas por uma imaginação enferma são resultantes de um trabalho temerário do espírito e desconexo entre a desordem das faculdades intelectuais, perturbadas por paixões que as impedem de raciocinar com justeza ou de recorrer à experiência em seus julgamentos.

Palavras-chave: Holbach; Divindade; Natureza; Paixões.

THE PASSIONS AND THE ORIGIN OF IDEA OF DEITY IN THE *SYSTÈME DE LA NATURE* BY HOLBACH

ABSTRACT

To point out the human passions as responsible for the emergence of the idea of a deity, Holbach assigns them a negative character. According to Baron, in the first chapter of the second part of his *Système de la nature*, if men dated back to the origin of the most entrenched views in their minds and examine the reasons that lead them to worship them, discover that sometimes the objects or ideas affecting not have any reality. Empty words, phantasmagoria arising from superstition and ignited by a sick imagination are the result of a reckless work of the spirit and disconnected between the disorder of the intellectual faculties, disturbed by passions that hinder the reason rightly or draw on the experience in their judgments.

Keywords: Holbach; Deity; Nature; Passions.

LAS PASIONES Y LA ORIGEN DE LA IDEA DE DIVINIDAD EN EL *SYSTÈME DE LA NATURE* DE HOLBACH

RESUMEN

Para señalar las pasiones humanas como el responsable de la aparición de la idea de una deidad, Holbach les asigna un carácter negativo. Según Barón, en el primer capítulo de la segunda parte de su *Système de la nature*, si los hombres remontan al origen de las vistas más arraigadas en sus mentes y examinar las razones que les llevan

a adorarlos, descubren que a veces los objetos o Ideas afectando no tienen ninguna realidad. Las palabras vacías, fantasmagoría que surge de la superstición y encendida por una imaginación enferma son el resultado de una obra temeraria del espíritu y desconectados entre el trastorno de las facultades intelectuales, perturbado por las pasiones que impiden la razón correcta o se basan en la experiencia en sus juicios.

Palabras clave: Holbach; Divinidad; Naturaleza; Pasiones.

INTRODUÇÃO

“Il paroît que c’est faute de connoître les vraies causes des passions, des talens, de la verve poétique, de l’ivresse, &c, que ces êtres ont été divinisés sous les noms de Cupidon, d’Appollon, d’Esculape, de Furies. La terreur et la fièvre ont eu pareillement des autels. En un mot l’homme a cru devoir attribuer à quelque divinité tous les effets dont il ne pouvoit se rendre compte”.

Holbach, *Système de la nature*, II, I.

Nos âmbitos da felicidade individual e do funcionamento da sociedade, a gênese da ideia de divindade dentre a humanidade equiparada à superstição, ao fanatismo e ao desconhecimento de si, para Holbach é repleta de características negativas, estando ela nos antípodas da natureza, pois: 1) ela excita mais do que freia as paixões humanas; 2) prejudica os interesses da coletividade, sendo pouco eficaz para erradicar ou ao menos minimizar a miséria; 3) ela é uma utilização dos recursos da economia particularmente improdutivo. Ao contrário de outros *philosophes*, o Barão não acredita que esta economia externa seja a influência moralizante sobre a massa, pois a ideia de um deus jamais foi um remédio ou garantia contra comportamentos anti-sociais, muito pelo contrário, pois depende do governo e da sociedade, em última instância, a moralização do indivíduo (CAZES, B.; CAZES, G., 1967, p. 143.). E mais do que isso, contrariamente aos filósofos que acreditavam em um suposto estágio primitivo da religião, depurada de fanatismo e superstições, “Holbach não é um admirador das religiões primitivas, um crente em uma ‘pureza’ ético-religiosa originária, corrompida somente em uma época posterior.” (TIMPANARO, 1985, p. XXXIX.). Contudo, Holbach não limita a sua reflexão à crítica da origem da ideia de uma divindade entre os homens, pelo contrário, ele igualmente tem a preocupação de defender um homem livre dos preconceitos em consonância com o todo de seu sistema físico, moral e político.

Segundo Günther Mensching (1992, p. 118), no século XVIII, os filósofos distanciaram-se bastante da metafísica tradicional. Em especial para os materialistas franceses, a ciência dos princípios universais não era mais do que um tipo de “engano inventado por gerações de filósofos e teólogos para contentar a sua vã ambição e forjando

sistemas que somente consistiam em palavras sem significação precisa”. No empreendimento de um exame mais acurado a respeito de como se forma no espírito termos, expressões ou conceitos que não levam em conta a própria realidade, Holbach não hesita em afirmar que certas ideias que o homem engendra dentro de si são resultantes de uma inconstância dos humores¹ que o impede de ver quais as razões de atribuir um caráter sacro a certas opiniões legadas por uma tradição filosófica e teológica. As paixões, longe de serem romantizadas e levarem vantagem em relação à reta razão justamente por serem menos frias e mais lúdicas, sob a pena do barão ganham uma imagem negativa, definidas como verdadeiros obstáculos ao homem que quer entender os princípios, o curso e as leis da natureza sem recorrer a instâncias ou entidades sobrenaturais inventadas pela imaginação, pela oscilação dos humores ou pela linguagem. Antes de refletirmos acerca da crítica às paixões feita por Holbach no *Sistema da natureza*, dois anos antes em sua *Teologia portátil ou dicionário abreviado da religião cristã* – 1768 - no verbete “Paixões”, o Barão quando as define, ironiza:

“Movimentos necessários à conservação do homem e inerentes à sua natureza desde que ela se corrompeu pelo pecado original. Sem essa memorável tolice, nós teríamos sido como os paus e as pedras; teríamos gozado, por conseguinte, da mais perfeita felicidade. Um cristão não deve ter paixões, a não ser aquelas que os padres lhe inspiram” (HOLBACH, 2012, p. 169)².

A CRÍTICA HOLBACHIANA À IDEIA DE DIVINDADE

Pierre Naville (1967, p. 277-278) afirma que “desde que se trata de mostrar simplesmente a dependência das faculdades intelectuais de certas causas físicas, Holbach é inesgotável” e, nesse sentido, “a crítica anti-teológica atinge seu apogeu”. Nestes termos, de cara Holbach inaugura a segunda parte do seu *Sistema* afirmando que ao homem é necessária a audácia de ir à origem das opiniões mais enraizadas em seu cérebro e tentar saber com exatidão as razões que os levam a reverenciá-las como sacras (SN, II, i, p. 429)³. Uma vez efetivado um exame do que os levam a esperar ou temer algo, rapidamente

¹ Ver NAVILLE, Pierre. *D'Holbach et la philosophie scientifique au XVIII^e siècle*. Paris: Editions Gallimard, 1967, p. 36.

² Ver também o verbete “Paixão de cristo”: “História lamentável de um deus que teve a bondade de se deixar fustigar e pregar para resgatar o gênero humano: todas as vezes que ela é contada às beatas e aos devotos, na Sexta-Feira Santa, eles se desolam por terem sido resgatados” (2012, p. 169).

³ No original: “Si les hommes avoient le courage de remonter à la source des opinions gravées dans leur cerveau; s'ils se rendoient un compte exact qui les leur font respecter comme sacrées; s'il examinoient de sang froid les motifs de leurs esperances & de leurs craintes, ils trouveroient que souvent les objets ou les idées en possession de les remuer le plus fortement, n'ont aucune réalité, & ne font des mots vuides de sens, des phantômes créés par l'ignorance, & modifiés par une imagination malade” (II, II, I, p. 1).

constatariam que “[...] seu espírito trabalha às pressas e sem nexos no meio da desordem das suas faculdades intelectuais, perturbadas por paixões que as impedem de raciocinar com justeza ou de consultar a experiência em seus julgamentos” (*Ibid.*)⁴. Segundo Holbach, se colocarem um ser sensível em natureza da qual todas as partes movimentam-se, ele terá sentimentos diversos a depender dos efeitos bons ou maus que experimentará, e, conseqüentemente, disso dependerá a sua felicidade ou infelicidade segundo as qualidades das sensações que serão excitadas nele, amando ou temendo, buscando ou fugindo das causas reais ou imaginárias dos efeitos incidentes em seu corpo. Ao contrário, se não possui experiência alguma, inevitavelmente enganar-se-á a respeito dessas causas, não conseguindo descobrir a sua origem, nem a sua energia nem como age. Somente quando ocorrer sucessivas experiências que fixem o seu julgamento, ele sairá do seu estado de perturbação e inquietude (*SN*, II, i, p. 429-430; II, ii, i, p. 2). Para Holbach, o homem somente traz consigo desde o seu nascimento uma aptidão a sentir mais ou menos fortemente, a depender da sua conformação individual, não conhecendo nenhuma das causas que agem sobre ele. Progressivamente, quando as sente ele descobre as suas diferentes qualidades, aprendendo a julgá-las e fazendo com que lhe fiquem mais íntimas, associando-lhes ideias dependendo de como é afetado. A veracidade ou falsidade de tais ideias tem como parâmetro a boa ou má constituição dos órgãos e a capacidade ou incapacidade de fazer experiências seguras e confirmadas regularmente (*Ibid.*; *Ibid.*).

Dessa consideração acerca do sentimento cada vez mais fortalecido ou enfraquecido de acordo com o grau de experiência que o homem possui, Holbach chega à questão da necessidade, definindo-a como “o primeiro dos males que o homem experimenta” (*Ibid.*; *Ibid.*)⁵. Definição forte à primeira vista, e ainda mais o autor entendendo-a como um mal necessário, mas que constitui uma etapa fundamental para a manutenção do ser do homem. Segundo o Barão, os homens em seus primeiros momentos possuem algumas necessidades e para conservar o seu ser, ele necessita do concurso de várias causas análogas a eles, imprescindíveis à sua existência. Essas necessidades em um ser sensível aparecem mediante uma desordem em sua máquina que lhes causam a impressão de uma sensação dolorosa, desarranjo que permanece e se amplia até que a causa necessária para eliminá-lo venha retomar a ordem adequada à máquina humana. O mal que encerra a necessidade, na verdade, é um aviso que a desordem dá ao homem forçando-o a

⁴ No original: “Leur esprit travaille à la hâte & sans suite au milieu du désordre de ses facultés intellectuelles, troublées par des passions qui les empêchent de raisonner juste ou de consulter l’expérience dans leurs jugemens” (*Ibid.* p. 1-2).

⁵ No original: “Le besoin est le premier des maux que l’homme éprouve”.

procurar-lhe uma cura (*Id.*, p. 430-431; *Id.*, p. 3). Destituídos de necessidades, os homens seriam meras criaturas insensíveis, incapaz de se conservar e de perseverar na existência:

Sem necessidades, nós não seríamos mais do que máquinas insensíveis, semelhantes aos vegetais e incapazes, como eles, de nos conservar ou de adquirir os meios de perseverar na existência que nós recebemos. É às nossas necessidades que se devem as nossas paixões, nossos desejos, o exercício das nossas faculdades corporais e intelectuais (*SN*, II, ii, i, p. 431; *SN*, II, ii, i, p. 3)⁶.

São as necessidades que fazem com que o homem pense, queira e aja, como, da mesma forma, para saciá-las ou para erradicar as sensações dolorosas que elas causam que, conforme a sensibilidade natural e a energia peculiar ao homem, este se esforça tanto corporal como mentalmente. Sendo as necessidades ininterruptas, é forçoso despender um labor incessante para proporcionar os objetos capazes de aplainá-las. Em outros termos, há uma relação direta entre a multiplicidade das necessidades e a ação permanente da energia humana, e quando elas cessam, o homem sucumbe ao fastio, entedia-se, ficando em uma condição letárgica até que novas necessidades apareçam para reavivá-lo (*Ibid.*; *Ibid.*). Holbach conclui que “o *mal* é necessário ao homem; sem ele o homem não poderia conhecer aquilo que lhe causa dano, nem evitá-lo, nem proporcionar a si mesmo o bem-estar” (*Ibid.*; *Ibid.*, p. 3-4, grifo do autor.)⁷. Poder-se-ia aqui entender como uma espécie de fatalismo essa concepção de mal holbachiana devido à associação que o filósofo faz com a necessidade. Mas é fundamental entender que o mal enquanto necessidade para Holbach significa um mal temporário ou “momentâneo” (*momentané*) que força o homem a fazer com que funcione a pleno vapor a suas faculdades, fazer experiências, a estabelecer comparações e distinções entre os objetos que podem lhe prejudicar ou favorecer a conservação da sua existência. Mais do que isso, inexistindo o mal seria impossível conhecer o bem, e o resultado seria o desaparecimento da própria humanidade. Como uma criança perdida e sem experiência, o homem iria em direção a passos largos à sua perda iminente, sem julgar nada e sem poder escolher e, desprovido de “vontades, paixões

⁶ No original: “Sans besoins, nous ne ferions que des machines insensibles, semblables aux végétaux, incapables, comme eux, de nous conserver ou de prendre les moyens de persévérer dans l’existence que nous avons recue. C’est à nos besoins que font dûs nos passions, nos desirs, l’exercice de nos facultés corporelles e intellectuelles”.

⁷ No original: “D’où l’on voit que le *mal* est nécessaire à l’homme; sans lui il ne pourroit ni connoître ce que lui nuit, ni l’éviter, ni se procurer le bien-être”.

desejos, não se revoltaria contra os objetos desagradáveis, não poderia afastá-los dele, não teria motivos para amar nada ou temer nada” (*Ibid.*, p. 432; *Ibid.*, p. 4)⁸.

A essa altura, Holbach chega ao ponto central da questão, quando afirma que “se não existisse nenhum mal no mundo, o homem jamais teria pensado na divindade” (*SN*, II, i, p. 432; *SN*, II, ii, i, p. 4)⁹. Se a natureza concedesse o privilégio da fácil satisfação de todas as necessidades presentes e futuras ou somente gozar de sensações prazerosas, toda a vida do homem teria sido uma uniformidade contínua, sem se instigar em momento algum em procurar as causas desconhecidas da natureza. Uma existência imediata baseada na percepção dos objetos arranjados de uma maneira que lhe agradaria, estaria plenamente conforme ao seu modo de ser, não tendo nem medo, nem esperança nem inquietar-se com o porvir. Toda sensação desagradável e contrária a esse estado de felicidade e indiferença em relação ao que origina e ordena o sistema da natureza seria oriunda de alguma sensação desprazerosa que o afetara anteriormente, desordenando a sua máquina e tornando-o infeliz. Contudo, aqui se situa o *tour de force* argumentativo de Holbach: a despeito da renovação contínua das necessidades humanas que por vezes é impossível saciá-las, todo homem sentiu males de toda ordem, por meio de fenômenos naturais, doenças, escassez e outros. Daí a desconfiança e temeridade típicas do homem, já que a experiência da dor o avisa a respeito de todas as causas desconhecidas, das quais ainda os efeitos não foram experimentados e, mais ainda, essa experiência faz com que sempre se mantenha em alerta contra os objetos dos quais a consequência é ignorada (*Ibid.*, p. 433; *Ibid.*, p. 5). Toda apreensão e medo aumentam à proporção do aumento da desordem que os objetos produzem, da sua raridade, da sua sensibilidade natural, da efervescência de sua imaginação. Holbach vê que quanto mais o homem é ignorante ou sem experiência, mais ele se apavora, sendo que

[...] a solidão, a obscuridade das florestas, o silêncio e as trevas da noite, o assobio dos ventos, os ruídos súbitos e confusos são, para todo homem que não está acostumado com essas coisas, objetos de terror. O homem ignorante é somente uma criança que tudo assusta e faz tremer. Seus alardes desaparecem ou se acalmam à medida que a experiência mais ou menos familiarizou com os efeitos da natureza. (*Ibid.*; *Ibid.*)¹⁰.

⁸ No original: “[...] il n’aurait point de volontés, de passions, de desirs, il ne se révolteroit point contre les objets désagréables, il ne pourroit les écarter de lui, il n’aurait point de motifs pour rien aimer ou rien craindre”.

⁹ No original: “S’il n’existoit point de mal dans ce monde, l’homme n’eût jamais songé à la divinité”.

¹⁰ No original: “[...] la solitude, l’obscurité des forêts, le silence & ténèbres de la nuit, le sifflement des vents, les bruits soudains & confus; sont pout tout homme, qui n’est point accoutumé à ces choses, des objets de terreur; l’homme ignorant est un enfant que tout étonne & fait trembler. Ses allarmes disparaissent ou se calment à mesure que l’expérience l’a plus ou moins familiarisé avec les effets de la nature”.

Se por um lado, a experiência é o caminho seguro à medida que permite conhecer as causas agindo e que permite saber os meios de evitar os seus efeitos, em contrapartida, uma vez não identificadas as causas que o atormentam fazendo-o sofrer, o chão lhe some dos pés, ficando atônito diante do- ainda- desconhecido. A imaginação o domina, pintando-lhe um quadro de terror, culminando numa desordem que o impede de conhecer um determinado objeto. Holbach chega aqui à gênese do fenômeno supersticioso: a imaginação opera em analogia a alguns dos seres já conhecidos, sugerindo meios semelhantes aos que o homem se vale corriqueiramente para extraviar os efeitos e minimizar a potência da causa secreta que engendrou dentro de si as suas aflições e temores. Segundo o Barão, tudo isso se deve a “poucos homens, mesmo em nossos dias, estudaram suficientemente a natureza, ou se puseram a par das causas físicas e dos efeitos que elas devem produzir” (*SN*, II, i, p. 434; *SN*, II, ii, i, p. 6)¹¹.

A sinonímia entre a ideia de divindade e aflição para Holbach é clara, pois é dentre a ignorância dos alardes e das calamidades que “os homens sempre foram buscar as suas primeiras noções sobre a divindade: de onde se vê que elas devem ter sido suspeitas ou falsas, e sempre aflitivas” (*Ibid.*, p. 437; *Ibid.*, p. 9)¹². O Barão desenvolve essa ideia apoiando-se em três argumentos: 1) É suficiente olhar para qualquer parte do planeta para poder confirmar que em todos os lugares os homens estremeceram, e que devido a seus temores e infortúnios que criaram deuses nacionais ou que reverenciaram os trazidos de outras localidades. A ideia de um deus sempre esteve conjugada com a do terror, seu nome sendo associado às próprias tragédias do homem e a de seus ancestrais, sendo o temor atual somente uma continuidade dos temores mais antigos. Nesse sentido, Holbach estabelece uma conexão necessária entre a transmissão perpétua de pavores já manifestados em épocas mais remotas e a associação da ideia de uma divindade a calamidades naturais; 2) Da mesma forma, foi por meio da dor que cada homem fabricou a potência desconhecida para ele próprio, devido à sua ignorância das causas naturais e dos seus modos de agir. Diante de algum revés, fica desamparado, e as paixões que afetam o seu corpo, não permitindo-o encontrar a sua verdadeira fonte, são efeitos que ele vê como sobrenaturais, pois são opostos à sua natureza atual. Dessa forma, se o julgamento dos objetos que são desconhecidos se baseia com aqueles que é possível conhecer, o homem conforme a si mesmo “atribui vontade, inteligência, intenção, projetos, paixões – em poucas palavras,

¹¹ No original: “Peu d’hommes, même de nos jours, ont suffisamment étudié la nature, ou se sont mis au fait des causes physiques & des effets qu’elles doivent produire”.

¹² No original: “C’est dans le sein de l’ignorance, des allarmes & des calamités, que les hommes ont toujours puisé leurs premières notions sur la divinité. D’où l’on voit qu’elles dûrent être ou suspectes ou fausses, & toujours affligeantes”.

qualidades análogas às suas – a toda causa desconhecida que sente agir sobre ele” (*Ibid.*, p. 439; *Ibid.*, p. 11)¹³; 3). A disposição que serviu para ludibriar todos aqueles que a razão não tiver desiludido das aparências, a saber, o concurso aleatório de alguns efeitos com causas que não os produziram, ou a simultaneidade desses efeitos com algumas causas que não tem uma ligação necessária com eles. Longe de operar por meio da gratuidade, no sistema da natureza os efeitos diversos são devidos a causas naturais e a circunstâncias necessárias, que influem diretamente sobre o homem, não podendo a natureza ser divinizada. Holbach toca no fundamento da fé, à medida que esta se firma ou se fragiliza devido à crença em presságios bons ou ruins. Se eles são vistos como alertas dados pelos deuses, e o homem atribuindo-lhes qualidades que ele mesmo não tem, é porque “a ignorância e a perturbação fazem com que [...] creia que uma pedra, um réptil ou um pássaro sejam muito mais instruídos do que ele próprio” (*Ibid.*, p. 441; *Ibid.*, p. 13)¹⁴. As poucas observações feitas pelo homem só o tornaram mais supersticioso e, submetendo o poder, a inteligência e as virtudes que ele anteriormente tinha a alguns objetos insensíveis, ele supõe que eles são movidos por alguma causa oculta da qual eles são os instrumentos. É evocando esse agente misterioso que procura conquistá-lo, querendo o seu auxílio e apaziguar a sua fúria e, para ter êxito, lança mão dos mesmos artifícios que usaria para minimizar ou para ganhar o apreço de seus pares.

De todas essas considerações a respeito de como o homem se porta perante aos supostos infortúnios causados pela natureza, Holbach reflete sobre o que compõe ou constitui uma religião. Esta é definida como “um sistema de conduta inventado pela imaginação ou ignorância para tornar favoráveis as potências desconhecidas às supuseram que a natureza estava submetida: alguma divindade irascível e implacável sempre lhe serviu de base” (*Ibid.*, p. 443; *Ibid.*, p. 15)¹⁵. Foi nessa definição que o sacerdócio alicerçou todos os seus direitos, os seus templos, os seus altares, riquezas, poder e mandamentos que, na verdade, são as bases em que toda religião se funda e se mantém, tendo o poder de regular o *modus vivendi* das nações mais civilizadas. Tais sistemas foram sucessivamente metamorfoseados pelo homem, sempre tendo em vista inculcar na mentalidade coletiva objetos desconhecidos aos quais, ao mesmo tempo em que se atribui a maior importância nunca foi examinado acuradamente. Segundo Holbach, essa foi a trajetória da imaginação

¹³ No original: “[...] prête une volonté, de l’intelligence, du dessein, des projets, des passions, en un mot des qualités analogues aux siennes, à toute cause inconnue qu’il sent agir sur lui”.

¹⁴ No original: “L’ignorance & le trouble font que l’homme croit une pierre, un reptile, un oiseau beaucoup plus instruits que lui-même”.

¹⁵ No original: “Elle fut toujours un système de conduit inventé par l’imagination & par l’ignorance pour rendre favorable les puissances inconnues auxquelles on supposa la nature soumise: quelque divinité irascible & placable lui servit toujours de base”.

em relação às ideias sucessivas que ela engendrou ou que lhe concederam sobre o que seja uma divindade. Na escala das teologias, a primeira foi a que fez que o homem temesse e adorasse os elementos mais materiais e rústicos. A segunda fez com que ele reverenciasse os supostos agentes que geravam e ordenavam esses elementos, os gênios supremos, os heróis e os homens com maiores qualidades. Refletindo, acreditou poder reduzir todas as coisas a uma inteligência providencial que tivesse o poder de por em funcionamento o sistema da natureza e, “remontando de causas em causas, os mortais acabaram por nada ver, e é nessa obscuridade que eles colocaram o seu deus” (SN, II, i, p.444; SN, II, ii, i, p. 16)¹⁶. Dessa forma, Holbach avança mais na discussão, a respeito do que, afinal, o que seria a ideia de divindade e quando ela é utilizada. A sua definição de tal ideia é pontual: o termo “deus” é tudo o que há de mais misterioso e de mais contrário aos efeitos sentidos pelos homens e somente é usado quando ainda não é do conhecimento deles o funcionamento das causas naturais:

Se quisermos dar conta das nossas ideias sobre a divindade, seremos obrigados a reconhecer que, pela palavra *deus*, os homens jamais puderam designar senão a causa mais oculta, mais distante e mais desconhecida dos efeitos que eles viam: eles não fazem uso da palavra a não ser quando o funcionamento das causas naturais e conhecidas deixa de ser visível para eles. A partir do momento que perdem o fio dessas causas, ou a partir do momento que o seu espírito não pode mais seguir a sua cadeia, eles resolvem a dificuldade e terminam suas investigações chamando de *deus* a última das causas, ou seja, aquela que está além de todas as causas que eles conhecem. Assim, eles nada mais fazem do que consignar uma denominação vaga a uma causa ignorada, na qual a sua preguiça ou os limites dos seus conhecimentos os forçam a se deter (*Ibid.*, p. 444-445; *Ibid.*, p. 16-17, grifos do autor)¹⁷.

Flertando com um problema linguístico, a partir do momento em que palavras são usadas para pôr termo a um problema tão complexo como o da origem do sistema da natureza, do arranjo de seus mecanismos e de suas leis e para que fins ela tende, Holbach não vê legitimidade no fato de simplesmente por não entender as razões de a natureza seguir o seu curso de uma maneira necessária, recusar-lhe o poder de produzir por si mesma efeitos incomprensíveis para o homem, pois não é sinônimo de maior

¹⁶ No original: “En remontant de causes en causes, les mortels ont fini par ne rien voir, & c’est dans cette obscurité qu’ils ont placé leur dieu”.

¹⁷ No original: “Si nous voulons nous rendre compte de nos idées sur la divinité, nous serons obligés de convenir que, par le mot *dieu*, les hommes n’ont jamais pu designer que la cause la plus cachée, la plus éloignée, la plus inconnue des effets qu’ils voyaient: ils ne font usage de ce mot que lorsque le jeu des causes naturelles & connues cesse d’être visible pour eux; dès qu’ils perdent le fil de ces causes, ou dès que leur esprit ne peut plus en suivre la chaîne ils tranchent la difficulté, & terminent leurs recherches en appelant *dieu* la dernière des causes, c’est-à-dire celle qui est au-delà de toutes les causes qu’ils connoissent; ainsi ils ne font qu’assigner une denomination vague à une cause ignorée, à laquelle leur paresse ou les bornes de leurs connoissances les forcent de s’arrêter”.

esclarecimento todas as vezes em que se observar um certo efeito não poder depreender daí a sua causa, atribui-la a vontade de um deus, que só proporciona menos ideias do que das causas naturais. Mesmo a noção de divindade sendo totalmente inexplicável e inútil do ponto de vista da explicação das relações necessárias entre causa e efeito na natureza, Holbach concede que os homens em sua maioria estão impossibilitados de constituir ideias simples da formação das coisas, de remontar à verdadeira fonte dos eventos que os fazem admirar ou temer e que os fazem acreditar na necessidade da ideia de um agente divino e oculto que engloba todos os fenômenos dos quais é impossível reconhecer as verdadeiras causas. Logo, os que enveredam por um outro caminho explicativo são taxados de insensatez aos olhos dos mais ortodoxos, por entenderem ser dispensável “a necessidade de admitir um agente desconhecido ou uma energia secreta que, por falta de conhecer a natureza, colocam fora dela mesma” (SN, II, i, p. 447; SN, II, ii, i, p. 19)¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda essa reflexão, podemos inferir que, segundo Holbach, uma imagem deturpada da natureza e de suas leis se deve ao homem ter feito de si mesmo o centro de toda a natureza, só podendo “com efeito, julgar as coisas pela maneira como ele próprio é afetado por elas” (*Ibid.*, p. 447; *Ibid.*, p. 19)¹⁹. Ama aquilo que lhe apraz e repudia o que o atormenta, crê que tudo está na mais perfeita ordem quando tudo supostamente convenha ao seu modo de existir. Consequentemente, o gênero humano se iludiu de que a totalidade da natureza convergia para ele, entendendo que seria o objeto último de suas obras ou que as supostas causas divinas da natureza produziam efeitos que o beneficiavam. Desse ponto de vista, tudo em que a natureza favorece o homem é sinônimo de prosperidade e todos os males são entendidos como uma injustiça. Eis aqui novamente o tema do mal: este, ainda mais do que o bem, foi o que levou à investigação sobre a divindade, das ideias engendradas a seu respeito e da conduta que mantiveram sobre ela. Não foram suficientes a contemplação da natureza e admitir todas as suas benesses para fazer com que fosse necessária a reflexão acerca da origem de todas as coisas. Mas quando pensou sobre a divindade, na verdade, o homem pensou sobre a causa dos seus próprios males, foi um empreendimento infrutífero, já que tanto seus males como seus bens são igualmente efeitos

¹⁸ No original: “Voilà pourquoi l’on regarde comme des insensés tous ceux qui ne voient pas la necessite d’admettre un agent inconnu ou une énergie secreta que, faute de connoître la nature, l’on placa hors d’elle meme”.

¹⁹ No original: “L’homme fait nécessairement le centre de la nature entière; il ne peut en effet juger des choses que suivant qu’il en est lui meme affecté”.

necessários das causas naturais, e não advindos das ficções que inventou para si, que retiraram-lhe a sua própria maneira de ser e de sentir. Crendo obstinadamente que a natureza era sua própria imagem, como em um espelho, ele jamais conheceu a natureza em sua totalidade, da qual ele é uma parte ínfima. Para Holbach, tudo isso demonstra que o bem o mal são modos de ser que dependem inteiramente das causas que afetam e que um ser sensível forçosamente experimenta, e a natureza, por sua vez, sendo constituída de seres diversos *ad infinitum*. Da mesma maneira, é necessário o choque de matérias opostas que perturbe a ordem e a maneira de existir dos seres que não têm nada de semelhante com elas e a natureza, por sua vez, agindo através de leis inexoráveis, logo ela “não pode ser considerada boa nem perversa; tido aquilo que se faz nela é necessário” (SN, II, i, p. 451; SN, II, ii, i, p. 23.)²⁰. Dessa necessidade que caracteriza a natureza, Holbach associa o desconhecimento de suas leis imutáveis a uma certa moral de interesse: uma vez os homens estando em um bem-estar absoluto, essa ideia tinha pouca importância e influência já que tudo nela concorria para a tranquilidade. Porém, se sentiam na necessidade de agradecer a um deus imaginário pelos bens concedidos com receio de serem ingratos pela possibilidade de desfrutarem da paz aqui na terra. E diante das catástrofes eles o invocaram com todo o temor, implorando que a natureza mudasse o curso das coisas e o modo de agir dos seres, pretendendo que para erradicar o mal mínimo que os afligia toda a natureza teria que alterar a sua cadeia contínua e as suas leis. Sempre descontentes com a sua própria sorte e nunca concordando sobre seus desejos, os mortais destinam suas preces mais extravagantes aos deuses. Prostram-se diante de uma entidade imaginária que creem ter o direito e o poder de ordenar à natureza desviar-se de seus caminhos e fins para torná-la subserviente de objetivos particulares e fazer os homens conciliarem-se em suas vontades opostas. Faltando ver e pensar a natureza do seu verdadeiro ponto de vista, não é de admirar sempre ver alguém esperar por milagres mesmo a natureza sempre sendo surda aos pedidos dos que a veem como um instrumento de uma divindade. A esse respeito, Holbach arremata:

O doente expirando no seu leito lhe pede que os humores acumulados em seu corpo percam instantaneamente as propriedades que os tornam nocivos ao seu ser, e que por um ato do seu poder o seu deus renove ou crie novamente as engrenagens de uma máquina gasta pelas enfermidades. O cultivador de um terreno úmido e baixo se queixa a ele da abundância das chuvas pelas quais o seu campo está inundado, enquanto o habitante de uma colina elevada lhe agradece pelos seus favores e solicita a continuação daquilo que faz o desespero do seu vizinho. Enfim, cada homem quer um deus unicamente para ele e pede

²⁰ No original: “Cette nature ne peut être regardée ni comme bonne ni comme méchante; tout ce qui se fait en elle est nécessaire”.

que, em seu favor, segundo as suas fantasias momentâneas e as suas necessidades cambiantes, a essência invariável das coisas seja mudada (SN, II, i, p. 452-453; SN, II, ii, i, p. 24-25)²¹.

REFERÊNCIAS

CAZES, Bernard; CAZES, Georgette. **D'Holbach portatif**. Utrecht: Jean-Jacques Pauvert, 1967. ("Libertés").

HOLBACH, Paul-Henri Thiry Baron d'. **Système de la nature ou des lois du monde physique et du monde moral par Mirabaud, avec un discours préliminaire par Naigeon**. Genève: Slaktine Reprints, 2011.

_____. **Sistema da natureza ou leis do mundo físico e moral**. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Teologia portátil ou dicionário abreviado da religião cristã**. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Il buon senso**. Trad. del francese di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985.

MENSCHING, Günther. "La nature et le premier principe de la métaphysique chez D'Holbach et Diderot". In: **Dix-huitième siècle** [Le matérialisme des Lumières]. Paris: PUF, 1992. p. 117-136. (n. 24).

NAVILLE, Pierre. **D'Holbach et la philosophie scientifique au XVIII^e siècle**. Paris: Editions Gallimard, 1967.

TIMPANARO, Sebastiano. "Introduzione". In: HOLBACH, Paul-Henri Thiry Baron d'. **Il buon senso**. Trad. del francese di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985.

Recebido para avaliação em 26/01/2016

Aceito para publicação em 03/05/2016

²¹ No original: "Le malade expirant sur son lit, lui demande que les humeurs amassées dans son corps perdent sur le champ les propriétés qui les rendent nuisibles à son être, & que par un acte de sa puissance dieu renouvelle ou crée de nouveau les ressorts d'une machine usée par des infirmités. Le cultivateur d'un terrain humide & bas se plaint à lui de abondance des pluies dont son champ est inondé, tandis que l'habitant d'une coline élevée le remercie de ses faveurs, & sollicite la continuation de ce qui fait le désespoir de son voisin. Enfin chaque homme veut un dieu pour lui tout seul, & demande qu'en sa faveur, suivant ses fantaisies momentanées & ses besoins changeants, l'essence invariable des choses soit continuellement changée".